

# Defesa de Brasília

Desde que aqui foi plantada como suporte político da integração nacional e para deflagrar nova era de prosperidade, certos núcleos retrógrados destilam contra Brasília uma ira cega e irracional. A princípio dizia-se que, estendida na solidão do Planalto Central, a capital da República era a imagem de uma lassidão incompatível com o acionamento de mecanismos dinâmicos aptos a assegurar o desenvolvimento. E proliferaram até pressões de certa magnitude no sentido de reinstalar a Capital na sua antiga sede, o Rio de Janeiro, malgrado os mentores de semelhante temeridade se ocultassem por trás de movimentos de rosto e objetivos não identificáveis.

Embora a consolidação de Brasília viesse demonstrar o acerto da decisão do presidente Juscelino Kubitschek, por haver-se tornado um foco centripeto de irradiação política e centro galvanizador da expansão econômica em área considerável do território nacional, persistem até hoje reações azedas contra a cidade. Procedem os gestos de frustração e inconformidade da mídia em circuito no eixo Rio-São Paulo, em particular. Qualquer acontecimento na cidade não inscrito em uma ordem asséptica e regular, logo dá ensejo à crítica feroz, suscita denúncias excêntricas e reclama soluções exóticas.

Ainda agora, as revelações escabrosas sobre fraudes ao Orçamento da União, em apuração por uma comissão parlamentar de inquérito, destampam ainda uma vez o baú das iniquidades contra Brasília. Fazem-na aparecer aos olhos da opinião pública como um antro de corrupção, sede da decomposição moral dos costumes e dos demônios políticos, um gênero de câmara infernal só purificável pelas práticas de um exorcismo tenaz. E a visão satânica dos exegetas da moral brasiliense incorpora a idéia pueril, no entanto falaz e maliciosa, de que tudo

ocorre em razão de um pecado original e irremissível.

E qual seria a nódoa infamante? Brasília estaria isolada do resto do País e, à feição de algum fragmento da galáxia, cultivaria noção embotada da realidade nacional e filiar-se-ia a valores éticos tão perniciosos quanto a própria ignorância daquilo que ocorre ao redor. Portanto, sua alienação seria a origem do caos nacional e, sobretudo, dos expedientes criminosos praticados contra o patrimônio público, tal como a locupletação de recursos do Erário em apuração na CPI do Orçamento.

Argumentação barroca e destampatório infeliz jamais se ouviram iguais. Ora, Brasília está integrada no contexto político, econômico e social do Brasil por sua condição de fonte das decisões nacionais, às quais cumpre atender aos anseios dos brasileiros de todos os quadrantes. Para tanto, urge ter ciência exata dos problemas e dilemas que assoberbam a Nação, sem desconhecer as peculiaridades regionais. E, no plano físico, figura como um entroncamento envolvido na capilaridade dos meios de ligação, terrestres, aéreos e ferroviários, e das múltiplas hipóteses de telecomunicações.

Corrupção não é um fenômeno típico de Brasília. Antes, é uma epidemia nacional. Não há um só sítio no Brasil onde não viscem denúncias de atos irregulares. No Rio Grande do Sul, a CPI da Propina estarrece a opinião pública. Já no Rio de Janeiro é a infiltração do narcotráfico e do jogo do bicho na própria Assembléia Legislativa, com o envolvimento de um número assombroso de policiais. São Paulo não foge à regra. Ali centenas de processos correm no âmbito da polícia e do Judiciário para apurar fraudes atribuídas a políticos.

Portanto, a imprensa sulina desempenharia melhor o seu papel se cuidasse de exercer vigilância e denunciar as próprias imundícies locais.